

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.13022018255-267>

O TESTAMENTO DO SR. NAPUMOCENO: REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE CULTURAL NA LITERATURA CABOVERDIANA

Mayara Gonçalves de Paulo*
Jussara Bittencourt de Sá**
Marlene Rodrigues Brandolt***

Resumo: As reflexões que permeiam este ensaio têm origem nos estudos junto ao Grupo de Pesquisa Identidades e Migrações, vinculado à linha de pesquisa Linguagem e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. O objetivo é apresentar um estudo acerca da literatura africana de expressão portuguesa e dos elementos que configuram a identidade, por meio do escritor Germano Almeida, em seu livro *O testamento do Sr. Napumoceno* (1996) sob o olhar pós-colonial. A obra em estudo permite-nos afirmar literatura como um relevante lugar a ser investigado e problematizado quer pela representação do mundo colonizado a partir do olhar do colonizador, quer pela construção da representação do colonizado a partir da influência do colonizador.

Palavras-chave: Literatura. Identidade. Pós-colonial.

INTRODUÇÃO

Sabemos que muitas são as “Áfricas” e variadas são as literaturas africanas de expressão portuguesa. Nossos estudos sobre a África se direcionam aos países que têm a língua portuguesa como oficial. Dentre esses, deparamo-nos com as linhas da prosa escrita em língua portuguesa pelos escritores africanos: Germano Almeida, José Eduardo Agualusa e Mia Couto.

No âmbito das literaturas de expressão portuguesa, como de Angola, Cabo Verde e Moçambique, por exemplo, temas diversificados relacionados ao (pós-)colonialismo, as construções de identidade, as tradições orais, aspectos de memória e tradição, bem como a questão da negritude são colocados em destaque. Todas essas questões têm ligações com os países que recentemente conquistaram a sua independência do colonialismo de Portugal.

As reflexões que permeiam este ensaio têm origem nos estudos junto ao Grupo de Pesquisa Identidades e Migrações, vinculado à linha de pesquisa Linguagem e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. Este texto é apenas

* Mestra e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul. E-mail: may_paulo@hotmail.com

** Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul. E-mail: jussara.sa@unisul.br

*** Doutora em Literatura, UFSC, Florianópolis, 2017, e pós-doutoramento pelo Programa de Ciências da Linguagem, Unisul, Tubarão, 2017. E-mail: mbrandolt@yahoo.com.br

um recorte da pesquisa que está em desenvolvimento, pois o objeto requer maiores aprofundamentos teóricos e metodológicos.

O propósito, neste ensaio, é refletir acerca da literatura africana de expressão portuguesa e dos elementos que configuram a identidade, por meio do escritor Germano Almeida, em seu livro *O testamento do Sr. Napumoceno* (1996) sob o olhar pós-colonialista. Entendo-a, assim, enquanto literatura originada da “experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial” (Ashcroft et al., 1991).

Os estudos buscam identificar a relação contraditória/antagônica entre colonizador e colonizado, demarcando as diferentes formas de dominação e opressão dos povos. Salientamos que o pós-colonialismo não tem uma única matriz teórica, para tanto procuramos as reflexões fundantes desse olhar a partir dos trabalhos de teóricos como Franz Fanon, Homi Bhaba, Edward Said, Stuart Hall.

Evidenciamos a literatura como lugar a ser investigado e problematizado quer pela representação do mundo colonizado a partir do olhar do colonizador, quer pela construção da representação do colonizado a partir da influência do colonizador.

A questão da identidade gera muitas indagações e investigações, pois em cada ramo do conhecimento, reflexões acerca desse tema admitem significados diferentes. É por meio dos questionamentos sobre a identidade que buscamos nossas raízes e origens, bem como diferenciamos o que nos une e o que acaba nos distanciando. A identidade é um elemento primordial para a formação de cada indivíduo, pois elas, segundo Hall (2000, p.108-109),

parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos”, ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.

O conceito de identidade passa por um processo de construção identitária em que o indivíduo na relação com um grupo em que se encontra, passa a sentir-se pertencente a ele, apropriando-se de suas crenças e de seus valores.

Este ensaio classifica-se como uma pesquisa qualitativa, identificando-se como estudo de caso. Segundo Rauen, “por estudo de caso define-se uma análise profunda e exaustiva de um ou de poucos objetos, de modo a permitir o seu amplo e detalhado conhecimento” (2015, p.559). A abordagem qualitativa tem como objetivo avaliar as situações que nos direcionam para os questionamentos levantados no romance.

Para que se pudesse dar início ao trabalho depreendido de investigação e análise da obra literária, fez-se necessário, inicialmente, a leitura da obra *O testamento do Sr. Napumoceno*, de Germano Almeida, observando os elementos que compõem a estrutura da narrativa.

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa tem como base o trabalho bibliográfico de abordagem qualitativa. Conforme Rauen (2015, p.169), configura-se uma pesquisa bibliográfica “o levantamento, a leitura, o fechamento, a análise e a interpretação de informações manuscritas ou digitalizadas, obteníveis de livros, periódicos e demais artefatos culturais, físicos ou eletrônicos, passíveis de formarem bibliografia sobre um determinado assunto e de serem depositados em uma biblioteca real ou virtual para fins de consulta”.

Por esta razão, define-se essa pesquisa como qualitativa, pois há a necessidade de avaliar as situações que nos reportam aos acontecimentos demarcados no romance de Germano Almeida.

Desta forma, procuramos lançar um olhar reflexivo para a arte literária africana, pois estudar a linguagem a partir da arte literária faz-se necessária, visto que a arte é criada pelo e para o homem como forma de refletir sobre o mundo ou espelhá-lo, como meio de representar uma história, explorar novas formas de olhar e interpretar o mundo que se revela e se modifica.

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA EM UM TEMPO PÓS-COLONIAL

Atualmente, há um número expressivo de reflexões acerca da literatura africana de língua portuguesa. Percebemos esse crescimento ao fato de que a literatura africana vem conquistando seu espaço no cenário mundial através de importantes autores cuja intenção se dá por uma escrita/produção de uma literatura engajada nas questões sociais, culturais e identitárias de países em que há pouco tempo estavam ligados ao sistema de colonização de Portugal.

Entretanto, a literatura africana de expressão portuguesa começa a se desenvolver muito antes dos países africanos conquistarem suas independências. Ela surge entre o final do século XIX e o início do século XX, quando ganha maior notoriedade com o surgimento dos movimentos de independência. Essas literaturas assumem suas nacionalidades ao se transformarem em instrumentos identitários, pelo qual se constrói a consciência nacional dos países africanos. Deste sentimento nacional, cresce a literatura africana de expressão portuguesa.

Embora a língua sob a qual essa literatura está inserida não corresponda à cultura herdada dos antepassados africanos e sim do colonizador, o aparecimento do sentimento de nacionalismo é a consequência desse resgate de consciência a respeito da sua autenticidade cultural.

Os conflitos nos países africanos de língua portuguesa fizeram com que autores como Germano Almeida buscassem construir uma identidade africana como foco central de sua produção literária em uma época pós-colonial. No anseio de formar uma literatura nacional, muitos escritores elaboram instrumentos / situações que possam dar uma especificidade a sua obra, tornando-a única.

Entendemos que os países que passaram pelo período de colonização obtiveram grandes transformações que atingiram diretamente na construção identitária de sua nação. Países africanos sofreram tais alterações, porque além de serem constituídos por diversas culturas, povos e línguas, tiveram que passar pela influência dos europeus, como a língua, cultura e exploração impostas pelo colonizador.

Segundo Rebeca Bulcão da Silva (2014, p.32),

para justificar a conquista e a ocupação pelo imperialismo e colonialismo em África, foram inculcados no discurso colonial elementos negativos baseados, muitas vezes, em preconceitos raciais e, em razão disso, o povo precisava ser dominado e “civilizado”. Para isso, os nativos foram privados de sua língua, tradições, crenças, ou seja, qualquer forma de expressão e cultura foi silenciada e a cultura dominante foi imposta, acentuando cada vez mais a demarcação entre metrópole e colônia, bem como a dicotomia colonizador e colonizado.

Stuart Hall, no livro *Da diáspora: identidade e mediações culturais* (2003, p.54), afirma que

[...] o “pós-colonial” não sinaliza uma simples sucessão cronológica do tipo antes/depois. O movimento que vai da colonização aos tempos pós-coloniais não implica que os problemas do colonialismo foram resolvidos ou sucedidos por uma época livre de conflitos. Ao contrário, o “pós-colonial” marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra (Hall, 1996a). Problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, típicos do “alto” período colonial, persistem no pós-colonial. [...] No passado, eram articuladas como relações desiguais de poder e exploração entre as sociedades colonizadoras e as colonizadas. Atualmente, essas relações são deslocadas e reencenadas como lutas entre forças sociais nativas, como contradições internas e fontes de desestabilização no interior da sociedade descolonizada, ou entre ela e o sistema global como um todo.

Desta maneira, a literatura é uma grande ferramenta para contextualizar a questão da identidade, pois ela pode se construir influenciada por ideias e valores já estabelecidos como também pode criar e circular ideais, ações e valores vivenciados pelas pessoas. No entanto, esse fazer literário não é uma tarefa simples, tendo em vista que por meio dos acontecimentos históricos, percebemos que aos países africanos não era permitido que nações independentes existissem.

De acordo com Maurício Silva (2011, p.1-2), a literatura africana de expressão portuguesa tem merecido reconhecimento e importância na crítica nacional e internacional, pois ela

vem mostrar a pertinência de se estudar e divulgar com mais afinco e empenho alguns de seus mais representativos nomes, abordando não apenas aspectos que revelam a competência estética de seus autores em criar uma literatura autônoma e original, mas também que demonstrem como essa literatura pode interagir com todo o processo de construção da identidade cultural africana, equacionando, assim, as contradições que foram historicamente implantadas por um sistema de colonização.

Dessa maneira, as produções literárias tornaram-se importantes na construção identitária dos países que lutavam por sua independência. É nas produções literárias que a identidade passa por um processo de construção identitária em que o autor na relação com um grupo / lugar em que se encontra, passa a sentir-se pertencente a ele, apropriando-se de suas crenças e de seus valores, assumindo a identidade como processo cultural e não natural.

Cada produção literária se constrói em seus territórios específicos e alcança força e identidade até antes de seus países conquistarem a independência. Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas*, reflete acerca do caráter irreal ou real das comunidades imaginadas ao defender que “as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (ANDERSON, 2008, p. 33). Em algumas regiões a identidade pode ter como base o passado e a língua por exemplo, em outras as tradições ou os hábitos de um povo, isto é, cada lugar, país ou povo imagina um tipo de identidade que se modifica no espaço e no tempo.

Para Benedict Anderson o conceito de nação está definido como uma “comunidade imaginada” (2008, p. 32). Para ele, os conceitos de nação, nacionalismo e nacionalidade não têm sido fáceis de definir e analisar. Segundo o autor, nacionalidade e nacionalismo são elementos culturais específicos e que, para compreendê-los da melhor maneira, é preciso considerar suas origens e transformações. Para refletir sobre este conceito, Anderson (2008, p. 32-34) afirma que:

Dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana. Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todas tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. [...] Imagina-se a nação *limitada* porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações. [...] Imagina-se a nação *soberana* porque o conceito nasceu na época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina. [...] E, por último, ela é imaginada como uma *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação é sempre concebida como uma profunda camaradagem horizontal.

De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2003), o período pós-colonial (ou pós-colonialismo) deve ser compreendido em duas concepções principais. A primeira está relacionada a um período histórico, aquele que decorre à independência das colônias, e a segunda concepção é aquela de um conjunto de discursos e práticas que desfazem a narrativa colonial (escrita pelo colonizador) e buscam reconstruí-la em narrativas escritas sob o olhar do colonizado.

Diante disso, os estudos ancorados em reflexões dos pós-colonialistas se fazem pertinentes e estão cada vez mais presentes em debates e questões contemporâneas. Observamos que há muitas pesquisas nas áreas da história, da literatura e da arte, campos em que são estudados alguns pensadores pós-colonialistas como: Franz Fanon, Stuart Hall, Homi Bhabha, entre outros, cujos autores estão abordando pensamentos sobre o pós-colonial.

Quando falamos do pós-colonial (ou do período pós-colonialismo), entendemos que este tem sua origem marcada pelo processo de independência de países africanos, por exemplo, pois assumiram o desafio de encontrar e resgatar sua identidade africana.

Os conceitos pós-colonialistas foram inicialmente estudados como um fenômeno anglo-saxão, em que os autores anteriormente mencionados, têm em comum o fato de serem pensadores na “diáspora”, isto é, eles possuem raízes em terras que foram colonizadas, mas vivem e trabalham em países ocidentais.

Conforme Rosevics (2017, p. 188), “a preocupação dos estudos pós-coloniais esteve centrada nas décadas de 1970 e 1980 em entender como o mundo colonizado é construído discursivamente a partir do olhar do colonizador, e como o colonizado se constrói tendo por base o discurso do colonizado”.

O que percebemos é que, na maioria das vezes, o colonizado é desenhado a partir da visão, das crenças e dos valores do seu colonizador, criando e gerando conceitos de inferioridade que são incutidos nas mentes do subalternizados.

As concepções pós-coloniais buscam fazer críticas e apontamentos sobre o modo como as colônias compreendiam o processo de colonização e os colonizados, bem como suas crenças, histórias e identidades, em meio a uma autoridade e hegemonia europeia que não abria espaço para dar vez e voz aos colonizados. Desta forma, a representação do ponto de vista do próprio colonizado e as suas concepções sempre permaneciam silenciadas.

Tendo em vista que o colonialismo europeu resultou em diversas marcas na cultura dos povos colonizados, especialmente no território africano, percebemos que, embora países africanos tenham alcançado suas independências políticas, constatam-se muitas interferências / marcas culturais na vida dessas nações; principalmente quando nos referimos à língua oficial de alguns países como Angola, Moçambique e Cabo Verde que são, majoritariamente, compostos pelo idioma do colonizador.

Os estudos pós-coloniais podem ser entendidos como uma forma de pensar sobre uma nova ordem política, social e mundial em que os conceitos eurocêntricos do mundo precisam ser revertidos e desamarrados, quer no âmbito político, histórico, identitário ou cultural, para que possam dar espaço e voz àqueles (colonizados) que por muitas vezes não se sentiram representados conforme as suas crenças e concepções.

Enfatizamos que o papel da literatura é de extrema importância, pois ela auxilia na construção de uma identidade cultural e nacional, como modo de expressão, representação e formação de significados, que conte ou até mesmo imagine a nação. As literaturas africanas de expressão portuguesa são representadas por diversos escritores em destaque no cenário mundial, cuja peculiaridade e qualidade de suas produções literárias os levam a ser discutidos e estudados por diversas áreas dentro e fora de seus países de origem. Dentre muitos autores, destacamos, para este ensaio, Germano Almeida, tendo em vista ser um exemplo de escritor que se apropria desses mecanismos para tentar construir em seus textos uma narrativa que coloque em evidência as diferenças culturais e a diversidade étnica que existem no território africano, dando vez e voz, de forma crítica e irônica, àqueles que por muitas vezes foram silenciados.

A QUESTÃO DA IDENTIDADE

As discussões até aqui levantadas neste ensaio demonstram a relevância da literatura africana de expressão portuguesa, pois é através de textos de autores como Germano Almeida, por exemplo, que conseguimos desenhar as identidades das nações lusófonas. A literatura consegue ultrapassar as linhas do continente africano, obtendo assim um alcance global.

As reflexões sobre a identidade movimentam muitos estudos, pois em cada área do saber, questões referentes a este tema admitem significados diferentes. É por meio das indagações sobre a identidade que buscamos nossas raízes e origens, bem como diferenciamos o que nos une e o que acaba nos distanciando. A identidade é um elemento primordial para a formação de cada indivíduo, pois elas

parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos”, ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p. 108-109).

O conceito de identidade passa por um processo de construção identitária em que o indivíduo na relação com um grupo em que se encontra, passa a sentir-se pertencente a ele, apropriando-se de suas crenças e de seus valores.

Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas*, reflete acerca do caráter irreal ou real das comunidades imaginadas ao defender que “as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (ANDERSON, 2008, p. 33). Portanto, em algumas regiões a identidade pode ter como base o passado e a língua por exemplo, em outras as tradições ou os hábitos de um povo, isto é, cada lugar, país ou povo imagina um tipo de identidade que se modifica no espaço e no tempo.

Stuart Hall, no livro *Identidade Cultural na pós-modernidade*, tece algumas considerações a respeito das transformações sofridas pelo sujeito no decorrer da modernidade, evidenciando ter ocorrido forte mudança das identidades culturais que apresentavam coerência e estabilidade aos sujeitos.

No livro, Hall discorre acerca dos modos de identidade levando em conta aspectos históricos, sociais, culturais e políticos. Em suas considerações, o autor argumenta sobre uma provável “crise de identidade”, que influencia o sujeito em tempos atuais, tornando-o menos centralizado e mais instável no mundo contemporâneo. Hall apresenta algumas reflexões a respeito das mudanças de conceitos do sujeito ao longo da história, levando em conta o modo em que as construções identitárias foram se constituindo no decorrer dos tempos.

Conforme Hall (2003), há três concepções de identidade: *do sujeito do iluminismo*, *do sujeito sociológico* e *do sujeito pós-moderno*.

O primeiro se refere, como o próprio nome já sugere, ao momento histórico do Iluminismo. Este conceito estava baseado

numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2003, p. 10-11).

A concepção desse sujeito é centrada e unificada, e quando nasce traz consigo para toda vida seu núcleo que é a sua essência, demonstrando sua característica individual.

Já a concepção do segundo sujeito, o sociológico, trata-se da construção da identidade a partir da interação entre o eu e a sociedade, levando em consideração o lugar social onde nasce o sujeito, sua classe social e sua cultura. A concepção de sujeito sociológico “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com 'outras pessoas importantes para ele', que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele / ela habitava” (HALL, 2003, p. 11).

Nessa concepção de sujeito, o seu núcleo que é sua essência, passa a sofrer as influências do mundo exterior e das interações sociais que atravessam seu ambiente social. A identidade na visão sociológica “preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2003, p. 11).

O terceiro tipo de sujeito, o pós-moderno, aparece com a visão de um sujeito sem identidade fixa ou permanente, pois está se transformando em um sujeito fragmentado, constituído por várias identidades. Desta maneira, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2003, p. 13).

Deste modo, o sujeito pós-moderno se afasta do sujeito unificado do iluminismo e do sujeito sociológico de acordo com sua condição social, porque no mundo atual o sujeito pós-moderno apresenta identidades múltiplas, fragmentadas. “Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (HALL, 2003, p. 13).

Quando Hall salienta que o sujeito pós-moderno assume identidades diversas em momentos distintos; identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, ele sugere que a identidade totalmente unificada e completa é uma fantasia, porque o mundo sofre e está em mudanças e os modos de significação e representação cultural se multiplicam e evoluem, fazendo com que o sujeito se confronte com uma pluralidade desconcertante de identidades possíveis, “com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2003, p. 13).

O mesmo autor ainda salienta que “na linguagem do senso comum, a identificação é constituída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2000, p. 106).

Em alguns países africanos, no campo das literaturas de expressão portuguesa, a questão do convívio com os portugueses toca no que Benjamin Abdala Junior (1989, p.38-39) chama de *crioulidade* (a mistura de culturas e povos).

O estudo comparativo com as literaturas dos países africanos lusófonos ganha marcado peso ideológico pelo caráter impositivo da situação de dependência que os envolveu até recentemente. Uma das respostas a essa situação secular de carência foi a *crioulidade* – uma profunda miscigenação cultural que originou formas de resistência e de promoção dos valores da nacionalidade. Dessa forma, paralelamente ao que ocorreu no plano linguístico, quando apareceram os dialetos crioulos africanos, no plano mais amplo da cultura também houve um processo intenso de miscigenação. Mesclam-se duas culturas, mas com dominante nacional africano. As culturas dinamizam, assim, uma cultura africana miscigenada.

Bhabha, em o *Local da Cultura*, argumenta que “o reconhecimento que a tradição outorga é uma forma de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou uma tradição ‘recebida’” (1998, p. 21). Sob esta perspectiva, o entrecruzamento de um povo com a tradição possibilita buscar as raízes, as origens de sua história, isto é, sua identidade; e tanto a memória quanto a tradição representam um mecanismo de sabedoria e de conhecimento de episódios passados. Neste sentido, relatar e narrar um fato estabelece a relação entre tradição e costume de uma comunidade que contribui para a perpetuação de uma memória. Podemos compreender a identidade como as características particulares de um determinado grupo ou povo por meio de suas experiências, crenças e ritos que formam uma identidade cultural.

A IDENTIDADE EM QUESTÃO NO TESTAMENTO DO SR. NAPUMOCENO

O enredo de *O testamento do Sr. Napumoceno* (1996) é narrado com tom de humor. Com o decorrer da narrativa, descobrimos uma história cheia de surpresas na medida em que Napumoceno da Silva Araújo, personagem central, demonstrava ter uma vida solitária e discreta. No entanto, quando um testamento de 387 laudas é aberto, conhecemos detalhes particulares de sua vida. Detalhes estes que nos apresentam outro homem; um homem que mostra desenvoltura em escrever, que fala sobre a família, sobre seus negócios e sobre tudo, relata suas aventuras amorosas.

O autor do romance, Germano Almeida, é um dos escritores mais expressivos da atualidade. Nascido em Cabo Verde, na Ilha de Boa Vista em 1945, busca retratar por meio de sua literatura as questões sociais e culturais de seu país, desenhando e lançando posicionamentos no qual acredita serem essenciais para o crescimento/desenvolvimento de sua nação que há poucas décadas conseguiu sua independência.

Em *O testamento do Sr. Napumoceno*, a personagem principal é um imigrante cabo-verdiano que deixa a ilha de São Nicolau para tentar fazer a vida em São Vicente. A trama começa com a narração do momento da abertura e leitura do testamento em uma sala pequena, acolhida por dois amigos e pelo sobrinho do falecido. O enredo é marcado por duas situações: a primeira que nos mostra os desdobramentos da vida de personagens já desenhados no conteúdo do testamento, e outra que apresenta a vida desconhecida e repleta de surpresas da personagem que dá nome ao título.

As narrativas sobre os primeiros anos de vida da personagem são apresentadas como um passado / momento pobre vivido no arquipélago de São Nicolau, mas a narração de sua história e do seu país tem início com sua chegada em Mindelo (ilha de São Vicente), cuja cidade tem uma atenção especial por parte da personagem:

São Vicente é uma ilha de povoamento recente, feito com recurso aos naturais das outras ilhas que a seca, a falta de trabalho e outras misérias forçaram à migração. Ora essas criaturas abandonaram ilhas de fortes traduções próprias e já enraizadas formas de estar no mundo, para de repente se lançarem num espaço não só agreste como também relativamente hostil e onde, para sobreviver, são obrigadas a miscigenar diferentes culturas regionais com o conseqüente prejuízo de nenhuma delas ser suficientemente maioritária para se impor. E é esta circunstância, mais a ausência de uma ancestral ligação a esta terra, que faz do homem de S. Vicente um ser leviano e fluido, sem a salutar verticalidade e firmeza do natural de Santo Antão ou Santiago onde os valores sociais e regionais se mantiveram intangíveis (ALMEIDA, 1996, p. 131-132).

O que podemos observar no exposto acima é que o desenho da ilha pode ser visto como a descrição da própria personalidade de Napumoceno. É nesta ilha que os fatos mais importantes são contados. Nesta narração, a personagem se preocupa com o fato da ilha, com relação às demais, não apresenta grandes laços de cultura, e isso é essencial para que uma nação se defina, na qual um indivíduo na relação com um grupo em que se encontra, passa a sentir-se pertencente a ele, apropriando-se de suas crenças e de seus valores.

Durante a leitura do romance, o extenso testamento do Sr. Napumoceno se confunde com um livro de memórias, pois a personagem nas suas “387 laudas de papel almaço pautado, sendo as primeiras 379 laudas à máquina e as restantes manuscritas com caneta de tinta permanente” (ALMEIDA, 1996, p. 47), tinha a intenção de desenhar sua vida, mostrando as crenças e valores pelos quais seguia.

[...] sem dúvida houvera dois Napumocenos: um d’aquém-América e outro d’além-América. Mas acho que gostava mais do outro, daquele antes de conhecer a América. Porque quando voltou, até carro novo ele trouxe argumentando que um carro na América tem uma vida útil de dois anos e conservá-lo mais tempo é deitar dinheiro fora. Mas não teve coragem de vender o Ford verde, deixou-o apodrecer na garagem. Aliás, ele nunca se desfazia de nada. A sua teoria era guarda o que não te serve, encontrarás o que precisas. No fundo, no fundo, nunca deixou de ser um pobre homem de São Nicolau [ALMEIDA, 1996, p. 77-78].

No fragmento acima, percebemos que uma série de sentidos e significados atribuídos à personagem nos permite relacioná-la à política cultural portuguesa, pois é por meio de pequenos gestos de Napumoceno que há uma (re)produção dos valores coloniais, bem como a construção de sua identidade.

Outra situação que pode ser observada é o impasse gerado pelo falecido quanto à escolha da música fúnebre em seu sepultamento, visto que a personagem desejava ter um enterro no modelo europeu:

Carlos Araújo dizia estas palavras solenes à beira da cova do sr. Napumoceno e em certo sentido ali mesmo ele poderia provar quanto já se esforçara para satisfazer o defunto mostrando aos presentes três carregadores que transportavam um enorme gravador e dois pesados mas potentes altifalantes. Porque o cumprimento da primeira ordem por ele deixada esbarrou com um imprevisto e quase que intronspôvel obstáculo, pela razão simples de à primeira vista ultrapassar as possibilidades locais. [...] Mas assim era só dizer ao chefe da banda que a música da viagem era apenas marcha fúnebre. Ora a contrariedade surgiu foi quando o chefe perguntou o que era isso de marcha fúnebre a Carlos, já elucidado, respondeu ligeiro que era qualquer coisa de um tal Beethoven (ALMEIDA, 1996, p. 17-18).

A personagem também relata os percalços de sua vida desde a chegada a ilha de São Vicente, lugar onde adquiriu fortunas. Quando chega à ilha com os pés descalços e uma velha mala com poucas roupas, em pouco tempo consegue estabelecer-se como um grande comerciante.

A verdade, porém, é que passados poucos anos ele abandonou a J. Baptista e fundou o seu próprio comércio, Araújo, Ltda. – Importação-Exportação. [...] Mas o sr. Napumoceno revelou-se logo nos primeiros anos por conta própria um comerciante de rara intuição ou então um homem de uma sorte macaca. Porque aconteceu que devido ao fato de seu armazém ficar situado na zona de Salinas tinha necessidade de se deslocar muitas vezes debaixo do abrasado sol de agosto, ainda por cima a pé porque nem tinha ainda carro nem aliás sabia conduzir (ALMEIDA, 1996, p. 53).

A sorte de Napumoceno mudou, como veremos no trecho transcrito abaixo, mediante a encomenda de guarda-chuvas que, por conta de um número a mais no pedido, passou de mil a dez mil guarda-chuvas. A personagem, não querendo admitir seu próprio erro, pensou em colocar a culpa no caixeiro, tentando reparar o que julgava ser um prejuízo. No entanto, descobriu ter feito bom negócio, quando começou a chover mais do que o habitual, fazendo necessária a venda de todos os guarda-chuvas de seu estoque, o que o fez adquirir uma enorme fortuna.

Não foi sem surpresa que logo no dia seguinte viu mil guarda-chuvas abandonar os armazéns, cobrindo o custo de cinco mil. No entanto, só quando, três dias depois, já colocara no mercado seis mil guarda-chuvas é que considerou que não valia a pena ofender o amigo caixeiro-viajante por tão pouca coisa e dirigiu-se aos Correios [...], e regressou ao armazém sorrindo feliz ao passar por uma rua de Lisboa atravancada de chapéus de chuva (ALMEIDA, 1996, p. 56-57).

No decorrer da narrativa, percebemos uma nova identidade sendo construída na personagem, pois está diante de toda sua riqueza alimentou um sentimento de culpa por ter adquirido fortuna em decorrência de um desastre que custou a vida de muitas pessoas, pois uma chuva desenfreada durante muitos dias sobre a ilha derrubou casas, trazendo ao povo uma enorme tragédia e a ele patrimônio. Diante disso, buscava tranquilizar sua consciência fazendo favores e doações aos mais necessitados, isto é, aqueles que mais precisavam de ajuda. Estas benfeitorias contribuíram também para que a personagem ingressasse na vida política, ocupando o cargo de vereador.

CONCLUSÃO

A intenção, neste ensaio, foi fazer um estudo acerca da literatura africana de expressão portuguesa, do autor cabo-verdiano Germano Almeida, bem como dos elementos que configuram a identidade em seu livro *O testamento do Sr. Napumoceno* sob o olhar pós-colonial.

Para tanto, em suas linhas deste ensaio procuramos evidenciar como a literatura permite-nos reflexões acerca da formação da identidade e da consciência nacional. E,

embora obras africanas de expressão portuguesa tenham sido condicionadas e demarcadas pela história do colonialismo europeu, com o processo descolonização da África, outras obras procuraram preencher os espaços vazios deixados pelo colonialismo, concedendo esses espaços àqueles que até então estavam silenciados.

No âmbito das reflexões, pontuamos que os estudos pós-coloniais têm ganhado destaque neste quesito, reiterando o respeito às diferenças culturais presentes ao redor, pois entende-se que as identidades são construídas através do contato com a cultura do outro e, além do mais, é preciso dar ver e voz as culturas que muitas vezes são silenciadas por uma visão eurocêntrica.

O testamento do Sr. Napumoceno se fundamenta em uma relação entre a história e a ficção sinalizadas por vários acontecimentos que fazem parte da construção de uma nação e identidade. Germano Almeida nos apresenta uma literatura livre / independente que visa a construção identitária de um povo por meio de questões culturais, políticas e sociais.

A história de *O testamento do Sr. Napumoceno* é narrada com certo tom de humor e ironia, pois descobrimos uma narrativa repleta de surpresas na medida em que Napumoceno da Silva Araújo, personagem que dá nome ao título, demonstrava ter uma vida solitária e discreta. Entretanto, com o conhecimento de detalhes peculiares de sua vida é permitido no momento em que o testamento de 387 laudas é aberto. Os detalhes apresentam outro homem / uma outra identidade; identidade de um homem que mostra desenvoltura em escrever, que fala sobre a família, sobre seus negócios e sobre tudo, relata suas aventuras amorosas.

Reiteramos em nossas reflexões a relevância das literaturas africanas de expressão portuguesa também por sua representatividade no campo literário, por suas narrativas peculiares e a qualidade das produções literárias os levam a ser discutidos e estudados por diversas áreas dentro e fora de seus países de origem. Germano Almeida é um exemplo de escritor que se apropria de estratégias literárias para tentar construir em seus textos uma narrativa que coloque em evidência as diferenças culturais e a diversidade étnica que existem no território africano.

Diante do que foi exposto, é preciso estarmos dispostos a lançar um olhar para as artes literárias africanas, pois estudar a linguagem a partir da arte literária faz-se necessária, visto que a arte é criada pelo e para o homem como forma de refletir sobre o mundo ou espelhá-lo, como meio de representar uma história, explorar novas formas de olhar e interpretar o mundo que se revela e se modifica.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ática, 1989.

ALMEIDA, Germano. *O testamento do Sr. Napumoceno*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1991.

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PAULO, Mayara Gonçalves de; SÁ, Jussara Bittencourt de; BRANDOLT, Marlene Rodrigues. *O testamento do Sr. Napumoceno: reflexões sobre a identidade cultural na literatura caboverdiana*. **Crítica Cultural – Critic**, Palhoça, SC, v. 13, n. 2, p. 255-267, jul./dez. 2018.

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Disponível em: http://minhateca.com.br/v.voltar/Hist*c3*b3ria/Livros%20de%20humanas/BHABHA*2c%20Homi.%20O%20local%20da%20cultura,24381172.pdf. Acesso em: 15 jun. 2018.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- _____. *Quem precisa de identidade?* Disponível em: <http://www.culturaegenero.com.br/download/hall.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria. *Por uma razão decolonial*. Revista de Ciências Sociais, v.14, p.66-80, 2014.
- RAUEN, Fábio José. *Roteiros de iniciação científica: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação*. Palhoça: Ed. Unisul, 2015.
- ROSEVICS, Larissa. Do pós-colonial à decolonialidade. In: CARVALHO, Glauber. ROSEVICS, Larissa (Orgs.). *Diálogos internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Perse, 2017.
- SILVA, Rebeca Bulcão da. *Entre percursos e regressos: formações identitárias na obra de Mia Couto*. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/ri/2669> Acesso em: 17 mar. 2017.
- SILVA, Maurício. *Angola, Moçambique e Cabo Verde: uma introdução à prosa de ficção da África lusófona*. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/20491/13330> Acesso em: 17 mar. 2017.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade*. Disponível em: https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/130554/Books_2010_2019_027-2014-1_33.pdf?sequence=1 Acesso em 12 mar. 2017

Recebido em 05/11/2018. Aprovado em 02/12/2018.

Title: *Mr. Napumoceno's testament: reflections about the cultural identity in the cape verdean literature.*

Abstract: *The reflections that permeate this essay have their origin in studies with the Research Group Identities and Migrations, linked to the line of research Language and Culture of the Graduate Program in Language Sciences of Unisul. The object in this research is to do a study on the African Literature in Portuguese Language and the elements that configure identity through the writer Germano Almeida in his book intituled "The testament of Mr. Napumoceno" about the perspective postcolonial. The book under study allows us to affirm literature as a relevant place to be investigated and problematized either by the representation of the colonized world from the perspective of the colonizer or by the construction of the representation of the colonized from the influence of the colonizer.*

Keywords: *Literature. Identity. Postcolonial.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.